

Notas sobre o estatuto da puberdade na concepção freudiana de sexualidade

Notes on the status of death in the Freudian conception of sexuality

Pedro Fernandez de Souza¹

Resumo: Em sua primeira teoria etiológica das neuroses, Freud propunha que o trauma sexual sofrido pela criança só teria consequências no futuro, quando o indivíduo se tornasse um ser sexuado; o ponto de virada seria muito precisamente a *puberdade*, período em que o sexual se faria presente para o organismo humano. É sabido que Freud abandonou ao menos em parte essa teoria, conceituando uma sexualidade infantil cujo regime não se pauta pela função reprodutiva. Para alguns leitores, isso implicaria uma concepção de sexualidade apartada do campo da vida e da reprodução da espécie. Ademais, ter-se-ia assim uma aparente redução da importância da puberdade na teoria freudiana, senão um seu desaparecimento completo. Ora, não é isso o que se nota nos próprios textos freudianos: a puberdade aparece com constância, não apenas no último dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), mas também em vários momentos do corpus freudiano, marcando presença em toda a sua produção teórica. Nosso objetivo neste artigo foi investigar a posição teórica da noção de puberdade dentro da teoria freudiana da sexualidade. Longe de perder seu papel, ela nos aparecerá como um caso privilegiado para se reavaliar essa teoria: com ela, as ideias da *dupla temporalidade* da sexualidade humana, da *norma* natural e da *função reprodutiva* estão postas em cena. Assim, é toda a dimensão biológica (ou naturalista) da teoria freudiana que é recolocada em primeiro plano pela noção de puberdade.

Palavras-chave: Freud; puberdade; psicanálise; sexualidade; pulsão.

Abstract: In his first etiological theory of neuroses, Freud proposed that the sexual trauma suffered by the child would only have consequences in the future, when the individual would have become a sexual being; the turning point would be precisely puberty, period in which the sexuality become a reality to the human organism. It is known that Freud abandoned at least in part this theory, as he conceptualised an infantile sexuality whose organisation is not based upon the reproductive function. For some readers, this would imply a conception of sexuality eminently separate of the field of life and reproduction of the species. Moreover, there would hence be an apparent reduction, if not the disappearing of the importance of puberty within Freudian theory. This is not, however, what one finds in the Freudian texts themselves: puberty appears constantly, not only in the last of the *Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905), but also in several other moments of the Freudian corpus, making presence in his entire theoretical production. This article's objective was to investigate the theoretical position of puberty within Freudian theory of sexuality. Far from losing its role, it will appear as a privileged case to reevaluate this theory: with her, the ideas of double temporality of human sexuality,

¹Doutorando em Filosofia da Psicanálise pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

of a natural norm and of the reproductive function are foregrounded. Thus, it is the biological (or naturalistic) dimension of Freudian theory that is brought to the foreground by the notion of puberty.

Keywords: Freud; puberty; psychoanalysis; sexuality; instinct.

Materiam, qua sis ingeniosus, habes
(Ovídio, *Ars amatoria* 2, 48)

1. Introdução: puberdade e teoria da sedução

“Graças à mudança devida à puberdade, a memória desenvolverá uma potência que faltou totalmente ao próprio evento; *a memória agirá como se fosse um evento atual*. Há, por assim dizer, *ação póstuma de um traumatismo sexual*” (Freud, 1896a/1999, p. 419).² Tal, em 1896, a frase que sintetiza muito bem o esquema etiológico proposto então por Freud acerca das denominadas psiconeuroses de defesa. Na chamada teoria da sedução, os sintomas neuróticos seriam a manifestação da reativação de um trauma do passado, contra o qual agora, por algum motivo, o indivíduo tem de lutar (teoria esta já presente desde os *Estudos sobre histeria*, publicados em conjunto com Breuer). A dissensão com o mestre, no entanto, teve como ponto nodal precisamente a coisa sexual, assunto em que Freud já tocara no livro escrito a quatro mãos. Ao aplicar o método catártico em seus pacientes, Freud notou que o que se reprimia era o sexual traumático, mas quanto mais profunda se fazia a escavação anamnésica, mais distante no tempo se situava tal trauma. A conclusão: os traumas teriam ocorrido durante a infância.

Ora, o paradoxo jazeria então no seguinte: a criança ainda não disporia de uma sexualidade ativa, portanto, não poderia nem mesmo compreender o evento traumático enquanto sexual. Ela não sentiria o acontecimento nem enquanto sexual, nem enquanto traumático. Eis que a puberdade surge enquanto período divisor de águas: a memória teria ficado retida até então, sem coloração traumática e tampouco sexual, e seria com o advento da puberdade, quando a sexualidade se manifestaria para o indivíduo, que a memória tornar-se-ia não só sexual, como traumática. O traumatismo sexual agiria posteriormente, graças mesmo a essa *prorrogação* da sexualidade. Existiria, assim, uma

²Todas as citações de Freud advêm das *Gesammelte Werke* (Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999) e, portanto, foram traduzidas pelo próprio autor do artigo. O mesmo ocorre com os trechos citados de outros autores de língua não-portuguesa.

estranha dilação da potência ou da eficácia de um evento sobre o indivíduo; no caso, eficácia patogênica. Lemos num artigo do mesmo ano:

A vida sexual oferece – através do atraso [*Verspätung*] da maturidade da puberdade [*Pubertätsreife*] com relação às funções psíquicas – a única possibilidade que se encontra para tal inversão [*Umkehrung*] da eficácia relativa. Os traumas de infância surtem efeitos de forma tardia [*nachträglich*] como vivências frescas, mas o fazem então inconscientemente (Freud, 1896b/1999, p. 385, nota de rodapé).

À enigmática ligação entre o processo repressivo e a sexualidade, Freud responde com a constatação dessa peculiaridade única: só para a sexualidade há tal atraso temporal, se comparada às outras funções do indivíduo. Ele já pode armazenar representações em seus sistemas mnêmicos, mas não pode compreender o sexual enquanto tal. Por conta dessa *assimetria*, existe uma *inversão* da eficácia do evento: é sua memória que, interpretada à luz do recente conhecimento púbere, produzirá efeitos patogênicos e levará o indivíduo a fabricar sintomas para defender-se dela.

É o que os franceses denominam *après-coup*: na teoria da sedução,

Esse traumatismo precoce não é significativo senão na medida em que sua memória inconsciente encontra um efeito de *après-coup* na puberdade, e suscita então conflito, repressão e sintomas. É somente quando a memória inconsciente adquiriu uma nova significação num contexto diferente, numa idade mais tardia, que ele se torna um traumatismo psíquico (Schimeck, 2003, p. 107).

O *après-coup* francês cuida de traduzir o *nachträglich* alemão, o *retroativo*, o *atrasado*, que nos latinismos acadêmicos se convencionou traduzir como *a posteriori*. Ao atraso da puberdade se emparelha o atraso, a retroação, a ação diferida do evento traumático. Essa *ação em dois tempos* do trauma põe em evidência a assimetria entre duas dimensões fundamentais da vida do indivíduo: a biológica e a psicológica (ou sociológica, se assim podemos expressar-nos). Nas palavras de Laplanche, é a *sexualidade biológica* ou a *sexualidade orgânica* que, ao manifestar-se no organismo apenas durante o período púbere, “vem tarde demais, não oferecendo à criança [...] correspondentes *afetivos* e *representativos* suficientes para integrar a cena sexual e *compreendê-la*”. No entanto há uma outra *sexualidade* entrevista no esquema freudiano, que só pode ser a sexualidade do adulto (aquele que nesse esquema abusa da criança): “mas, ao mesmo tempo, a sexualidade vem cedo demais como relação inter-humana; ela vem como que do exterior, trazida do mundo do adulto” (Laplanche, 1985, p. 50). Assimetria temporal, choque entre

o *cedo demais* e o *tarde demais*: tal a paisagem que nos pinta o Freud pré-psicanálise para a eclosão de uma neurose.

A criança, na primeira teoria freudiana das neuroses, é um desconhecedor. Ela ignora o sexual que, porém, porventura já pode carregar consigo graças à sua *relação* com o adulto já sexual. É ao adquirir um saber muito precisamente *biológico* (ou, antes, que tem como base a maturação biológica) que ele sucumbirá à neurose. Por ser diferida no tempo da maturação orgânica, a sexualidade é o ponto nodal de todas as neuroses, e o fato orgânico que altera tudo é nada menos que a *puberdade*; sem essa prorrogação, o efeito retroativo do trauma não faria sentido.

2. O suposto ocaso da puberdade

Sabemos como esse esquema foi, senão totalmente, em grande parte abandonado. Ao passo em que Freud passa a desacreditar a um só tempo da sua teoria etiológica e dos relatos de seus pacientes, conferindo à cena de sedução um caráter ficcional ou fantasmático, ele também põe em xeque a concepção de sexualidade empregada até então. Sua nova postulação, já presente ainda que lateralmente na *Traumdeutung* e reiterada e aprofundada até o fim de sua vida, é bastante conhecida: também as crianças são seres sexuais. Mas não só isso: a sexualidade irromperia com o romper mesma da vida. E teria características muito próprias e fundamentais para a compreensão da vida anímica dos indivíduos humanos.

Apresentadas com minúcia em 1905, essas características informam uma sexualidade muito distinta daquela que o próprio Freud professara antes da virada do século. Nós vimos: na teoria da sedução a ligação entre maturação biológica e sexualidade era estreita. A sexualidade irromperia com a puberdade, a maturidade sexual se consumaria; a função sexual, aqui, é implícita e logicamente vinculada à função reprodutora. A concepção psicanalítica de sexualidade, concepção *ampliada*, como o próprio Freud a apelidava, pinta um quadro sobremodo diverso, caracterizando como sexuais não só aqueles órgãos, funções e atos do organismo destinados à cópula e à reprodução da espécie, mas também tudo o que angaria prazer ao indivíduo, quer sejam genitais esses prazeres e esses órgãos, quer não o sejam. Há, assim, um deslocamento temporal e funcional da dimensão sexual. Ela não é mais domínio exclusivo dos adultos,

mas se manifesta desde o início da vida, já nas crianças; e ela não é mais exclusivamente genital, e sexuais são também órgãos em nada relacionados, organicamente, à reprodução.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* isso está posto de forma evidente. O protótipo da cópula genital, cujos anseio e ensejo são somente possibilitados pelas mutações orgânicas da puberdade, implica dois elementos muito importantes: *um* ato é previamente fixado (a união das genitálias de dois indivíduos diferenciados sexualmente, isto é, um macho e uma fêmea) e *um* objeto do impulso sexual é previamente fixado (um para cada indivíduo em questão: a vagina, para o macho; o pênis, para a fêmea). O que se vai descrevendo nos *Três ensaios* é uma negação radical disso: na infância a pulsão sexual não é una e genital, mas múltipla e perversa, ou seja, há diversas *pulsões parciais* que a princípio não têm nenhuma ligação com a união das genitálias; e essas pulsões, para se satisfazerem, independem dos objetos, são *autoeróticas*. Aliás, mesmo que haja objetos para essas pulsões, eles não são previamente fixados: se há homossexuais, se há pedófilos, se há zoófilos, isso significa que a libido pode aderir a objetos dos mais variados.

O protótipo em 1905 deixa de ser a cópula adulta e passa a ser o chupar do bebê.

Do chupar ou sugar com prazer pudemos já notar as três características essenciais de uma exteriorização sexual infantil. Ela surge em *apoio* a uma das funções corporais vitais, ela ainda não conhece nenhum objeto sexual, é *autoerótica*, e sua meta sexual se encontra sob o império de uma *zona erógena* (Freud, 1905/1999, p. 83).

O fundamental aqui é notar esse processo de *apoio* (*Anlehnung*), que será tão enfatizado em 1914, no artigo sobre o conceito de narcisismo. De início indissociável das funções de autoconservação, a pulsão sexual surgiria precisamente nessa dissociação com relação a elas: o bebê mama o seio para alimentar-se, mas daí ele retira um prazer que tratará de readquirir sozinho, chupando, por exemplo, o próprio dedo. Para as chamadas pulsões egoicas, ou de autoconservação, o esquema é bastante unívoco e prefixado: um ato (mamar, alimentar-se), um objeto (o leite, o alimento), um objetivo (saciar a fome, conservar-se). A pulsão sexual, apoiando-se nisso, perverte todo o esquema: não há mais objetos necessários ou pré-requeridos, o objetivo a ser atingido é tão-somente a descarga energética, ou seja, o ganho de prazer, e para isso qualquer ato que o atinja é bem-vindo.

Nota-se como o primeiro esquema é engessado e tem seus elementos arranjados de forma unívoca: objeto, ato e objetivo já estão todos aí, guiando a conduta do organismo, e há pouca margem para alterações. Ora, na cópula se encontra o mesmo arranjo formal, como pudemos ver, visando, entretanto, à conservação não do indivíduo,

mas da espécie a que ele pertence. Eis, então, o que alguns autores enfatizaram como sendo a marca princeps da concepção freudiana de sexualidade: a dissociação entre *instinto* e *pulsão*. A sexualidade, que até então era enquadrada num esquema *instintual*, passa a ser uma dimensão bastante específica da vida, deixando de se pautar no meramente biológico. Nas palavras de García-Roza (1994): “é essa dissociação da pulsão sexual com respeito ao instinto que vai constituir a diferença do sexual entendido como instinto em face do sexual entendido como pulsão” (p. 101). Em Laplanche encontramos uma exposição muito similar: nos *Três ensaios* “o autoerotismo é descrito como o momento em que surge a sexualidade humana como tal” e, assim, “na sexualidade humana, o instinto, força vital, se desqualifica e se perde na pulsão” (Laplanche, 1985, pp. 77 e 128), que seria um seu derivado. A pulsão *derivaria* do instinto, a um só tempo se apoiando nele e dele se dissociando.

Nota-se, assim, uma *ênfase* acentuada na sexualidade infantil, ênfase justificada, pois que cerne das inovações freudianas. Junto ao infantilismo do sexual, enfatiza-se o seu correlato *polimorfismo perverso*, que nada mais tem a ver com cópula e reprodução. Segundo Laplanche, a sexualidade, em Freud, “exclui a vida do seu campo, tomando dela apenas protótipos para suas fantasias” e com ela se acaba “por minar e destruir a noção de norma biológica”, de modo que “toda sexualidade acaba por tornar-se perversão” (Laplanche, 1985, pp. 87 e 30).³

Estaríamos num polo diametralmente oposto àquele em que nos encontrávamos na teoria da sedução. Agora a puberdade enquanto período determinante para o indivíduo parece sofrer um *ocaso* inevitável, sendo solapada por dois fatores de força igual: o sexual é infantil, portanto, o tal *amadurecimento* perde grande parte de sua importância; e essa sexualidade que se manifesta na criança, fragmentada, múltipla e perversa, não é essencialmente *genital* e não aspira à *reprodução*. Está excluída da sexualidade a *ordem vital*, está excluída dela a *dimensão teleológica* que subjazia implicitamente à concepção de sexualidade presente na teoria da sedução.

Ora, o mais espantoso é que nenhuma dessas conclusões tenha sido feita pelo próprio Freud e que, muito pelo contrário, a puberdade tenha continuado a marcar presença em vários de seus textos (e especialmente nos *Três ensaios*). É a algumas dessas aparições que nos voltaremos, com ênfase nos três ensaios seminais de 1905.

³E Laplanche completa: “pelo menos toda a sexualidade infantil”. É desse complemento, desse *pelo menos* que nosso texto tratará.

3. A puberdade no corpus freudiano

“Uma separação nítida e definitiva do conteúdo de ambos os sistemas se produz, via de regra, somente com o ponto temporal da puberdade” (Freud, 1915/1999, p. 294). Palavras de Freud já em 1915, após esclarecer ao leitor que os sistemas consciente e inconsciente não são solidamente diferenciados desde o início da vida. Um ano antes, lemos que parece haver um aumento do narcisismo originário da mulher “com o desenvolvimento da puberdade, através da formação (*Ausbildung*) dos órgãos sexuais femininos, até então latentes” (Freud, 1914, p. 155). A puberdade ainda é, então, para Freud, um ponto no tempo (*Zeitpunkt*) específico, um momento determinante do desenvolvimento: é nela que se consolida a divisão sistêmica do aparelho anímico e é nela que o que é latente dá-se à mostra, sai e emerge (*aus-bilden*). Não à toa o que se *descobre* é o que até então estivera *encoberto*: o sexual.

Em 1911, o período de latência é muito precisamente o que “retarda [*verzögern*] o desenvolvimento sexual até a puberdade” (Freud, 1911/1999, p. 234). E se no *Abriss der Psychoanalyse*, escrito em 1938, já nos últimos meses de vida de Freud, ele reitera que a sexualidade se manifesta desde o início da vida, a puberdade não deixa aí de ser mencionada de maneira incontornável: “A organização [sexual] completa é atingida somente numa quarta fase, a genital, através da puberdade” (Freud, 1938/1999, p. 77). Ora, a puberdade não é apenas mais uma vez caracterizada como *atrasada*, mas é nela que a *organização completa* (*die volle Organisation*) é atingida. Pouco antes Freud já havia dito:

Após o decurso desse assim chamado período de latência, a vida sexual prossegue [*setzt...fort*] com a puberdade; poderíamos dizer: ela floresce novamente. Deparamos aqui com o fato de uma *acometida em dois tempos* da vida sexual, que não é conhecida fora do ser humano e é evidentemente muito importante para o tornar-se humano [*Menschwerdung*] (Freud, 1938/1999, p. 75).

É, portanto, com a puberdade, que refloresce a vida sexual no homem, é com ela que um processo de desenvolvimento estancado se repõe em marcha. Eis-nos novamente frente à *dupla temporalidade* da sexualidade humana.

Essa duplicidade temporal está também presente na análise que faz Freud de uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. Passando por hipóteses sobre os primeiros anos da vida do gênio italiano, sobretudo, acerca de sua relação com a mãe, a madrasta e o pai, Freud afirma que os atributos de Leonardo (sua abstinência sexual, sua capacidade

exorbitante de sublimação e sua escolha homossexual de objeto, por exemplo) têm origem na infância e se manifestam na vida adulta após um processo temporal: “uma enérgica leva de repressão dá fim a essa desmesura infantil e estabelece as disposições que emergirão nos anos da puberdade” (Freud, 1910/1999, p. 204). Interessante é notar que, no caso do renascentista admirado, “quando as enchentes da excitação da puberdade [*die Fluten der Pubertäts-erregung*] lhe sobrevêm, elas não o adoecerão”, pois Leonardo é capaz de “escapar à repressão” (Freud, 1910/1999, p. 205) e sublimar os desejos infantis reavivados nos processos púberes. Ora, aqui a puberdade é descrita como um momento de enchente, de maré alta, duma espécie de caudal energético que pode inclusive levar ao adoecimento neurótico; é ela, também, que emerge enquanto um momento decisivo da vida do indivíduo, em que as disposições libidinosas modeladas na infância ganham sua expressão definitiva.

Em 1920, no artigo sobre um caso de homossexualidade feminina, a puberdade é um personagem importante. O caso todo gira em torno da desilusão sofrida pela moça, que queria (inconscientemente) gerar um filho do pai, mas viu a mãe engravidar em seu lugar. É o tempo da frustração, no entanto, que parece determinar o destino da jovem: ela *não era neurótica* e havia passado pela frustração não na infância, mas sim “na fase da renovação púbere [*Pubertätsauffrischung*] do complexo de Édipo” (Freud, 1920/1999, p. 284). Pouco adiante, em nota de rodapé, Freud sublinha esse fator temporal, mostrando que nos neuróticos os mesmos processos ocorrem, porém, à diferença do que se passara com a jovem homossexual, na infância, “no período do florescimento prematuro [*Frühblüte*] da vida amorosa”. Freud finaliza a nota de rodapé com uma questão fundamental: “quem sabe se esse fator temporal não se revelará algum dia como muito significativo?” (Freud, 1920/1999, p. 285). Por essa hipótese, a eclosão de uma neurose dependeria do momento da frustração: contraposta à *Frühblüte*, à flor prematura ou temporã da infância, a puberdade seria uma *Auffrischung*, uma renovação ou refrescamento, literalmente. Tem-se aqui a imagem de uma flor que desabrochou, voltou ao botão e tornou a brotar após um longo período de hibernação.

Essa dupla embocadura, duplo florescimento ou dupla acometida da vida sexual reaparece em dois trabalhos de 1923. Na primeira parte de seu artigo duplo para uma enciclopédia, Freud resume bem esse conceito. Já na infância, aproximadamente aos cinco anos de idade, entra-se numa fase de latência, em que barreiras morais são contrapostas às moções sexuais, especialmente as edipianas. “No subsequente período da

puberdade o complexo de Édipo vivencia uma reanimação no inconsciente e se encaminha às suas transformações [*Umbildungen*] ulteriores. Apenas no período da puberdade [*Pubertätszeit*] a pulsão sexual se desenvolve até sua intensidade total”; e “esse desenvolvimento [...] em dois tempos parece ser uma particularidade da espécie humana e conter a condição para o surgimento da neurose” (Freud, 1923/1999, pp. 221-222). Algo muito similar é dito em *Das Ich und das Es*, porém com um agregado importante. Freud diz reconhecer no supereu o resultado de “dois fatores biológicos altamente importantes”: o primeiro é “o longo desamparo infantil e a dependência do homem”; o segundo é o próprio “complexo de Édipo, que nós reconduzimos à interrupção do desenvolvimento da libido através do período de latência, portanto com a *acometida em dois tempos* da sua vida sexual”. E completa: essa temporalidade dupla parece ser “especificamente uma singularidade humana”, vinculada ao surgimento da cultura (Freud, 1923/1999, p. 263). Essas duas citações mostram bem a dimensão específica em que a puberdade é conceituada por Freud: em primeiro lugar, ela é um *período temporal*, uma *fase do desenvolvimento sexual*; essa fase é o reflorescimento, *atrasado*, das moções sexuais que estiveram latentes durante o período intermediário do desenvolvimento sexual e que adquirem agora sua *total intensidade*; a puberdade é a *segunda acometida* da pulsão sexual no homem, durante a qual o complexo de Édipo é reanimado e passa por transformações; ela faz parte, portanto, de um fator *biológico*, fator este que parece estar vinculado com aquilo que é mais humano para Freud (a cultura e a neurose). Relacionado a esse fator biológico jaz outro, o *longo desamparo infantil* pelo qual o homem passa durante seus primeiros anos de existência. E eis que topamos mais uma vez com o *muito cedo* da infância e o *muito tarde* da puberdade.

Esses excertos podem muito bem ser considerados marginais. Com efeito, não parecem fazer parte dos principais conceitos verdadeiramente psicanalíticos que Freud só pôde desenvolver a partir das suas hipóteses sobre a sexualidade infantil. Eles já nos mostram, entretanto, que a postulação de uma sexualidade infantil não acarretou o abandono completo de alguns dos conceitos presentes na teoria da sedução. Em primeiro lugar, são notáveis a insistência com que Freud fala da *dupla temporalidade* da sexualidade humana e a importância que ele lhe confere; em segundo lugar, essa especificidade humana é caracterizada muito precisamente como um fator *biológico*. Já se vê que afirmar que a pulsão sexual *exclui a vida de seu campo*, como fez Laplanche, é no mínimo ultrapassar a letra freudiana. Mais do que traçar enviesadas frases de efeito,

convém antes, parece-nos, tentar compreender como se relacionam os aspectos biológicos e psicológicos da sexualidade para Freud. Para isso, o texto mais fundamental e no qual a puberdade é explicitamente relacionada numa concepção mais abrangente da sexualidade são evidentemente os *Três ensaios*.

4. Puberdade e reprodução: considerações etimológicas

Antes de nos dirigirmos até eles, entretanto, façamos notar desde já uma possível ambiguidade da palavra *puberdade*. Se por um lado a palavra denota um processo orgânico, de amadurecimento dos órgãos genitais, por outro ela parece apontar automaticamente para um processo sociológico ou psicológico correlato, o período de transição entre a infância e a idade adulta. Haveria, assim, uma puberdade *fisiológica* e outra *social*, “essencialmente diferentes” e que “quase nunca coincidem”, visto que cada cultura parece lidar com seus púberes de modo diferente e singular (Pastor & Pié, 2005, pp. 129-130). Se a adolescência, termo inusual à época de Freud (cf. Houssier, 2018, p. 289), pode estender-se até dezenove, vinte ou vinte e um anos, trata-se de uma questão eminentemente social; a puberdade fisiológica, por outro lado, não liga muito para essas classificações: nela a maturação sexual se consuma, e é isto o fundamental.

Já na Roma antiga, à qual devemos o vocábulo, essa *confusão* ou ambiguidade parece fazer-se presente. *Pubes* era o nome de uma classe militar, composta por aqueles que “pela sua idade, de início a *pubertas* propriamente dita, se qualificavam para o serviço” (Gagé, 1958, p. 52). Mas a origem da palavra é eminentemente fisiológica, por assim dizer. *Pubes*, em latim, é na verdade uma palavra dupla. Como substantivo feminino, denota *o pelo que caracteriza a puberdade*; por extensão, indica *a parte do corpo que se cobre desse pelo*, ou seja, o próprio púbis. Donde o verbo *pubesco*, que significa muito literalmente *cobrir-se de pelos* ou, por extensão, *chegar à puberdade* (sentido que nosso verbo *pubescer* conservou). Mas *pubes* pode ser também adjetivo: *púbere, adulto*, ou mesmo *coberto de pelos*. E a definição latina é muito explícita: *pubes* é o *puer qui iam generare potest* (Ernout & Meillet, 1932, p. 542), o jovem que já pode gerar, que doravante tem o poder de procriar. Questão fisiológica e genésica: os pelos que assomam na pele do jovem são o indício de sua efetiva fertilidade. Nada de *crise*

psicológica ou *questionamento existencial*: a *pubertas* é o período dos pelos púbicos, da incipiente potência de procriação.⁴

Não cremos ser cedo para afirmar que, em Freud, e já nas passagens que destacamos acima, a puberdade é descrita como um processo eminentemente biológico. Se Freud discorre sobre as facetas psicológicas desse processo, ele o faz somente enquanto consequências ou correlatos das transformações fisiológicas características do período púbere: acréscimo da intensidade energética, reanimação das moções pulsionais edipianas. Se boa parte da literatura (mesmo a assumidamente *psicanalítica*) estuda o adolescente em sua crise identitária,⁵ isso não é produto direto da letra freudiana. Nela, encontramos o organismo sexuado que, após um longo e estranho período de hibernação, voltou a florescer. Essa singularidade biológica, atesta Freud, provê a condição para a neurose, qual seja, para os sofrimentos psíquicos propriamente humanos; trata-se agora de tentar compreender o porquê. Veremos que, ademais, a puberdade em Freud retoma letra a letra a definição latina e que a e a *reprodução* da espécie, supostamente ausente da *verdadeira* concepção psicanalítica de sexualidade, não só está presente no texto seminal de Freud sobre o assunto, como também é aí conceito insistente e indispensável.

5. Puberdade e sexualidade nos *Três ensaios*

Começemos pelo fim, para, após todo um desvio, chegarmos novamente a ele. Os *Três ensaios*, como diz o título, são *três*, seguidos de uma síntese final. O terceiro ensaio, quase obscurecido pelos dois primeiros, leva um título suficientemente loquaz: as transformações (*Umgestaltungen*) da puberdade. O nome já diz muito: a puberdade é um período de novas formas, e o prefixo *um-* não é vão; ele indica mudança, mas também *em torno de*, *circularidade* ou mesmo *completude*, no sentido de *dar uma volta*. Trata-se, pois, das transformações (*Umgestaltungen*), das novas formas (*Gestaltungen*) que, fechando um ciclo, rearranjam ou reconfiguram (*umgestalten*) as formas que existiam antes. Vejamos a respeito disso as palavras mesmas de Freud.

⁴Também na Europa medieval, o processo de amadurecimento fisiológico e a potência procriadora parecem ter sido fundamentais para a definição da adolescência. Para o livro *Le Grand Propriétaire de toutes choses* (uma enciclopédia de todos os conhecimentos profanos e sacros), escrito em latim no século XIII, a terceira das *idades da vida*, a *adulescentia*, após a *infantia* e a *pueritia*, inicia-se aos catorze anos e “é chamada de adolescência porque a pessoa é bastante grande para procriar, disse Isidoro” (Ariès, 1973, p. 6).

⁵Encontra-se um resumo dessas opiniões no artigo já citado de Pastor e Pié.

Primeira frase do terceiro ensaio: “com a ocorrência da puberdade iniciam as alterações que devem transportar [*überführen sollen*] a vida sexual infantil à sua forma normal e definitiva [*seine endgültige normale Gestalt*ung]” (Freud, 1905/1999, p. 108). Há, portanto, uma *Gestalt*ung infantil inicial que, através de *Umgestaltungen*, as alterações púberes, *tem de* chegar a uma nova *Gestalt*ung, que não só é *final*, definitiva ou derradeira, mas também *normal*. Essa forma, que ainda estudaremos com mais minúcia, serve a que propósito? Freud é muito explícito: “a pulsão sexual se põe agora a serviço da função de reprodução [*Fortpflanzungsfunktion*]” (1905/1999, p. 109). Ela o faz tendo de subordinar cada fragmento seu ao *primado da zona genital*; Freud é muito claro a esse respeito: “escolheu-se como o mais essencial, nos processos da puberdade [*Pubertätsvorgänge*], o que lhes é mais chamativo, o crescimento manifesto das genitálias externas”, que se haviam mantido latentes ou inibidas durante o período de latência. Aliado a isso se notou o desenvolvimento das genitálias internas, capazes agora de “oferecer produtos sexuais ou de recebê-los para a formação [*Gestalt*ung] de um novo ser vivo”. A conclusão: “um aparelho altamente complicado tornou-se a tal ponto pronto, que ele anseia pela sua utilização” (Freud, 1905/1999, p. 109). As alterações anatômicas e fisiológicas destinam-se à *preparação para o ato sexual* (*Vorbereitung zum Sexualakt*); e aqui *ato sexual* é muito claramente a *cópula* ou, dito de forma mais estrita, a pura união das genitálias dos sexos opostos.

A essas alterações fisiológicas advindas com a puberdade, Freud adirá outras, de ordem psicológica e que concernem ao trâmite da libido e ao seu investimento num objeto específico. Nós ainda chegaremos a elas, mas, por ora sigamos o que já se nos tornou manifesto. Vimos Freud caracterizar a puberdade como uma série de *processos* por meio dos quais a configuração sexual *deve* atingir sua forma final e *normal*. Termos similares são utilizados ao longo de todo o livro. Logo na página de abertura do primeiro ensaio vemos utilizada a expressão o *processo de amadurecimento da puberdade* (*Reifungsvorgang der Pubertät*) e na síntese (*Zusammenfassung*), mantenhamos em mente essa palavra, que fecha o livro, onde a puberdade é descrita como um *período de transição* (*Übergangszeit*), Freud resume assim sua concepção alargada de sexualidade: “a disposição para as perversões é a disposição originária e universal da pulsão sexual humana, a partir da qual, devido a mudanças orgânicas e inibições psíquicas no curso do amadurecimento, a conduta sexual normal [*das normale Sexualverhalten*] se desenvolve” (Freud, 1905/1999, p. 132). Ou seja, há um *amadurecimento*, este amadurecimento ocorre

na transição que é a *puberdade*, quando se pode atingir, a partir da disposição perversa original e universal, a conduta sexual *normal*.

Que Freud fale de *norma* no campo da sexualidade não deveria assustar ninguém. Esta é, aliás, uma das expressões mais empregadas nos *Três ensaios*, junto aos seus derivados. A questão toda se centra numa norma e naquilo que dela se afasta. Essa norma é muito claramente a finalidade última de cada espécime: a reprodução da espécie por intermédio da formação de novos seres vivos. É para isso que serve a sexualidade e disso Freud não se desvia. Muito pelo contrário: essa teleologia marca presença no livro todo. O título do primeiro ensaio é novamente fundamental: *As aberrações sexuais (die sexuellen Abirrungen)*. Termo perigoso para nós outros, pós-modernos habituados e afeitos às mais variadas teorias de gênero. Mas o seu sentido talvez seja no fundo muito simples: existe uma *Norm* biológica e o que foge a ela é um desvio, uma *Ab-irrun*g. É aqui que o prefixo *ab-*, indicador de *desvio* ou *distância*, aparecerá repetidas vezes. Começaremos então nosso estudo das *figuras desviantes* presentes em Freud.

O estudo das aberrações sexuais se faz por meio de dois tipos de *Abweichungen* (desvios), os referentes ao objeto sexual e os concernentes à meta sexual. No campo dos desvios de objeto encontramos nossa primeira figura desviante: o homossexual. Os *invertidos*, na terminologia da época, dentre os quais muitos provam de uma notável “repugnância [*Abneigung*] que os impede de executar o ato sexual normal [*den normalen Geschlechtsakt*] ou a quem falta qualquer gozo nessa execução” (Freud, 1905/1999, p. 35), são os que, por algum motivo, escolheram o *objeto sexual invertido* em vez do *objeto sexual normal* (p. 36). Mais adiante, Freud define os invertidos como “as pessoas cujos objetos sexuais não pertencem ao sexo normalmente apto para tal” (p. 47); porém, pouco antes ficara claro que os invertidos não são degenerados, e na verdade entre eles se encontram “alguns dos homens mais magníficos” (p. 37). Ora, aqui está muito claro: postula-se uma norma *biológica*, mas não uma norma *social*. Em Freud é notável, portanto, uma *normalidade biológica*, uma norma ou finalidade à qual está destinado o espécime desde o seu nascimento; um homossexual, por não atingir essa meta biológica, é considerado um *desvio*. Isso não significa *a priori* um normativismo moral ou social da parte de Freud; em realidade, ele está investigando os destinos da pulsão sexual no animal humano e o faz tendo como base um ponto de vista biológico. Esse ponto de vista mostra ser, em Freud, muito claramente *teleológico*. É mister compreender que teleologia é esta,

qual seu papel e função dentro da rede conceitual de que ela faz parte (e não a ignorar, negá-la ou apagá-la da teoria).

Esse *telos* biológico se torna ainda mais patente quando se consideram os desvios relativos à meta sexual (*Sexualziel*). “É válida como meta sexual normal [*normales Sexualziel*] a união das genitálias no ato denominado cópula, que leva à dissolução da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual” (Freud, 1905/1999, pp. 48-49). É com os desvios dessa meta assaz explícita que travaremos contato com nossa segunda figura desviante: o perverso.⁶ Sabe-se bem a definição da perversão *stricto sensu* para Freud: fixação e inibição do desenvolvimento sexual nas atividades autoeróticas infantis. Essa definição, porém, é sumária e não abarca tudo o que o próprio Freud diz. A perversão não é somente questão de fixação, mas, sobretudo, de *excesso*. É nesse trecho que pululam os termos dessa natureza: na perversão há um excesso anatômico (*anatomische Überschreitung*); nela, a pulsão se propaga, se alastra a quaisquer lugares do corpo, como o ânus e a boca (*das sexuelle Übergreifen auf andere Körperstellen*); no fetichismo há uma superestimação do objeto sexual (*Überschätzung des Sexualobjektes*); o sadismo resulta de que o componente agressivo da pulsão sexual se tornou independente e é exagerado (*übertrieben*); no masoquismo a dor é superada (*überwunden*) (Freud, 1905/1999, pp. 49, 52, 53 e 58, respectivamente). Nota-se aqui a aparição repetitiva do prefixo *über-*, que designa excessos (de sentido similar ao *super* latino). Questão, portanto, não só de direção, mas também de intensidade: o perverso *desvia-se* da meta sexual (biologicamente) normal e não a executa por conta de *excessos* que constituem sua atividade sexual.

É nesse sentido que as perversões, configurações sexuais específicas, são ditas *anormalidades* (*Abnormitäten*); pequenas quantidades de perversão constituem a sexualidade normal e o desvio da norma (*ab-norm*) se dá quando esses elementos predominam a organização sexual definitiva, suplantando o que era esperado normalmente. Isto é, algo *falta* ao perverso e este algo não lhe é congênito, não merecendo eles também serem chamados de degenerações. O que as faz ser desvios não está, portanto, no conteúdo mesmo das condutas ditas perversas, mas sim “na sua relação com o normal [*in dessen Verhältnis zum Normalen*]” (Freud, 1905/1999, p. 60). *Verhältnis* não é palavra simples e pode significar, além de *relação*, também *proporção*. Neste

⁶O próprio termo *perversão* já indica que se trata de desvios ou di-versões de uma versão *original*. O caso é o mesmo na palavra *inversão*.

último caso, acentua-se o caráter *intensivo* da especificidade perversa: ela é decorrente de excessos, ela é *mais* do que a normalidade, por isso dela se desvia.

A terceira figura desviante é perfilada logo em seguida, e é muito precisamente uma das modalidades do *negativo da perversão*: a histérica. Sabemos a fórmula clássica: na neurose o que é explícito na perversão se encontra reprimido, inconsciente, e o retorno desse reprimido se dá sob a forma de sintomas. Trata-se, por conseguinte, de um malogro da defesa contra as pulsões sexuais parciais. Mas o caso da histérica também gira em torno dos prefixos *über-* e *ab-*. Assim, é digno de nota que “o caráter histérico permite reconhecer uma parcela de *repressão sexual*, que ultrapassa a medida normal [*über das normale Maß hinausgeht*], um aumento das resistências contra a pulsão sexual” (Freud, 1905/1999, p. 64). Novamente defrontamos um *excesso* com relação a uma *medida normal*. Conclusão: deve-se reprimir, *mas não tanto*. É notável que a atenção dos leitores tenha se retido na máxima freudiana, na apresentação da neurose⁷ como o negativo da perversão. Mais uma ênfase justificada, graças à novidade nela contida; deve-se, entretanto, atentar-se à frase que imediatamente a precede, que raramente é lembrada. “Os sintomas se constroem em parte a expensas de uma sexualidade anormal [*auf Kosten abnormer Sexualität*]; a neurose é por assim dizer o negativo da perversão” (Freud, 1905/1999, p. 65). Sexualidade *anormal*, em parte é isto, a neurose. O animal humano deveria copular, mas em vez disso ele se defende (em excesso) de sua sexualidade inata. Eis mais um desvio, eis mais um excesso.

A histérica, portanto, também é composta de excessos, assim como o perverso (no sentido da patologia). No caso dela as resistências contra o sexual (vergonha, asco e moralidade) é que são demasiado acentuadas. Isso se dá, contudo, por haver outro excesso em jogo. O segundo fator constitucional da histeria, além da repressão excessiva, é a formação hiperpotente da pulsão sexual (*die übermächtige Ausbildung des Sexualtriebes*); aquilo que é enigmático e contraditório na histeria encontra solução nesse par de contrários: a histérica é vítima a um só tempo de uma *enorme necessidade sexual* (*übergroßem sexuellen Bedürfnis*) e de uma *recusa sexual impelida para muito longe* (*zu weit getriebener Sexualablehnung*) (Freud, 1905/1999, p. 64). Uma vez mais se percebe

⁷Em Freud, *neurose* e *histeria* não são sinônimos, como se sabe. Nos *Três ensaios*, no entanto, é da histeria que Freud trata com maior minúcia; a neurose obsessiva, a fobia e a paranoia são apenas mencionadas. Por isso, em nosso texto, *histérico* e *neurótico* aparecem como quase sinônimos, sendo que eles não o são, na realidade.

o emprego dos dois prefixos que prefixamos: *ab-*, em *Ablehnung*, é a marca do desvio do sexual (aqui, sob a forma da rejeição), este que é *über-*, potente e grande em excesso.

O que ocorre, então, quando os homens se defendem em demasia da carga sexual que lhes é imposta por natureza? Eles fabricam sintomas. E o caso da histérica é mais uma vez enfatizado por Freud, pois nele se produz algo muito similar a uma perversão: no processo conversivo, certas partes do corpo são tomadas como verdadeiras zonas erógenas. Nas perversões, essas partes do corpo “se comportam, em todo sentido, como uma peça do aparelho sexual” (Freud, 1905/1999, p. 68). Questão, portanto, de *comparação* e *analogia*: esses órgãos *não* fazem parte do real aparelho *sexual*, mas sim passam a se comportar *como se fossem sexuais*. A continuação do texto é peremptória:

Na histeria essas partes do corpo e os tratos de mucosa que deles despontam tornam-se, num sentido totalmente igual, a sede de novas sensações e alterações de inervações – mesmo de processos que se podem comparar com a ereção – como as verdadeiras genitálias [*wie die eigentlichen Genitalien*] sob as excitações dos processos sexuais normais [*unter den Erregungen der normalen Geschlechtsvorgänge*] (Freud, 1905/1999, p. 68).

Tudo é muito explicitamente afirmado: existem processos sexuais *normais* (presumidamente: os da cópula) que incitam excitações nas *verdadeiras* genitálias. *Eigentlich* é um adjetivo forte e deve ser lido enquanto tal: ele indica algo de *original* ou *verdadeiro*. Por natureza, os genitais são os órgãos sexuais *originais*, e por consequência, os outros órgãos sexuais (ou sexualizados) só assim se tornam por *derivação* (ou desvio). O aparato genésico, os genitais e suas sensações no ato sexual normal são como que um *molde*, um *padrão*, um modelo a partir do qual o restante do corpo poderá vir a ser tomado enquanto zona erógena. Aí está o sentido da *per-versão*: ela é um *desvio* da função sexual, ela torna sexual o que não o era antes, tratando como genital aquilo que não o é.

Em Freud, o sexual original permanece sendo o genital, e o que sua teoria nos apresenta são as per-versões dessa versão original, os desvios através dos quais o sexual, de genital, se alastra pelo corpo e ultrapassa os limites pelos quais funcionalmente estava cerceado. Essa identificação entre o *real* ou *original* e o *genital* é mais de uma vez reiterada por Freud. Ilustrativa é a sua descrição da eclosão da histeria. “A ocasião para o adoecimento se apresenta à pessoa de disposição histérica quando, por consequência de seu próprio amadurecimento progressivo ou de circunstâncias externas da vida, a exigência sexual real [*die reale Sexualforderung*] se aproxima seriamente dela” (Freud, 1905/199, p. 64). Não bastasse essa referência implícita à puberdade, poucas

páginas adiante Freud retoma o mesmo ponto, com palavras similares e se lhe referindo explicitamente: “na maioria dos psiconeuróticos, o adoecimento emerge apenas após o período da puberdade, sob a exigência da vida sexual normal [*unter der Anforderung des normalen Sexuallebens*]” (Freud, 1905/1999, p. 69).

A conclusão, nós já a adiantamos: as condições para o adoecimento neurótico adulto têm de estar situadas na infância, portanto a disposição sexual perversa tem de estar presente originariamente na criança. Se, por um lado, “nós somos todos um pouco histéricos”, por outro lado a base da perversão, algo “inato em todos os homens”, também é “um pedaço da constituição normalmente efetiva [*normal geltenden Konstitution*]” (Freud, 1905/1999, p. 71). O diagnóstico freudiano é célebre: somos todos fadados a parcelas históricas e perversas da sexualidade. A *vida sexual normal* residiria precisamente a meio caminho entre os dois casos patológicos: “nos casos mais favoráveis, entre ambos os extremos, elas [as raízes inatas da constituição sexual] permitem que surja a assim chamada vida sexual normal, através de limitações efetivas e de alguma outra elaboração [*Verarbeitung*]” (Freud, 1905/1999, p. 71).

Assim, se a “constituição que apresenta os germes para todas as perversões estão ilustráveis apenas na criança, embora nela todas as pulsões possam emergir apenas em intensidades modestas” (Freud, 1905/1999, pp. 71-72), cumpre estudar o “processo de desenvolvimento” que, partindo “da sexualidade infantil”, desemboca “em perversão, neurose ou na vida sexual normal [*normales Geschlechtsleben*]” (Freud, 1905/1999, p. 72). Ora, concedamos a devida atenção às palavras de Freud. Aqui a sexualidade infantil *não é equacionada* à perversão; nelas residem os *germes* para a perversão, não a perversão mesma. Nesses trechos que destacamos, o termo *perversão* é usado em sentido estrito: categoria nosográfica, onde certos desvios e excessos pulsionais suplantam a função sexual normal. Ademais disso, repete-se a constatação de uma *vida sexual normal*, mas essa normalidade só é alcançável mediante uma série de *processos*, de *limitações* e *elaborações*. Ela é fruto de um desenvolvimento, *assim como a neurose e a perversão*. Em Freud, portanto, postula-se uma *norma*, que é dada previamente ao indivíduo, graças à teleologia imanente da vida; a *normalidade*, porém, só pode ser atingida por uma *construção*.

Fato importante é as pulsões, nas crianças, *não se manifestarem com intensidade total*, mas sim tão-somente *moderada*. Isso já nos dá indícios de assimetrias marcantes entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta, entre as quais jaz a transição da

puberdade. Nesta, a intensidade pulsional se tornará *total*, como já vimos anteriormente. Assim sendo, no quesito sexual a criança é já *menos* do que o requerido pelo normal – ela é também um *desvio*.

As *faltas* que constituem a criança serão sumamente importantes para a descrição da sexualidade infantil. Para se chegar à normalidade, vimos serem necessárias limitações à sexualidade. Trata-se dos diques que devem ser erigidos contra as moções das pulsões parciais (vergonha, asco, moral). Esses diques, vemos Freud os caracterizando, de um lado, como *orgânicos e fixados hereditariamente*, mas também como *construções* (Freud, 1905/1999, p. 78). Junto a eles, discorre sobre um fator de alta importância, que é a nossa quarta figura desviante: a sublimação.

Os historiadores da cultura parecem estar de acordo na hipótese de que, através de uma tal deflexão [*Ablenkung*] de forças pulsionais sexuais de metas sexuais e redirecionamento [*Hinlenkung*] a novas metas, um processo que merece o nome de *sublimação*, são adquiridos poderosos componentes para todos as proezas culturais (Freud, 1905/1999, p. 79).

O jogo de palavras é intraduzível: as forças pulsionais na infância seguem uma direção, uma condução (*Lenkung*), rumo a certas metas (a descarga pulsional mediante o prazer de órgão); a sublimação é resultante de um desvio, uma deflexão (*Ab-lenkung*), dessas forças rumo a novas metas, a partir de um redirecionamento (*Hin-lenkung*).

Por que, então, toda essa recondução sublimatória da libido é importante para o indivíduo humano? Freud avança uma hipótese baseada em dois fatores. Por um lado, a atividade sexual na infância, sendo perversa (ou seja, alastrando-se pelo corpo, para-além das genitálias, em busca de descarga e prazer), acabaria por originar desprazer; por outro, e eis o motivo que realmente nos interessa, “as moções sexuais desses anos infantis seriam [...] inutilizáveis [*unverwendbar*], pois as funções de reprodução estão prorrogadas [*aufgeschoben sind*], o que constitui a característica principal do período de latência” (Freud, 1905/1999, p. 79). Ora, eis aqui o fator *temporal* posto em evidência, juntamente à *teleologia* biológica de que participa necessariamente a sexualidade: sendo a função reprodutiva *prorrogada*,⁸ as moções sexuais se tornam *inutilizáveis*, e por isso é útil que sofram o desvio sublimatório. As proezas culturais seriam possibilitadas por essa dilação

⁸Logo em seguida, Freud usa a expressão *período de latência ou de prorrogação* (*Latenz-oder Aufschubsperiode*). Se em muitas crianças as moções sexuais se manifestam também durante o período de latência, pode-se afirmar não ser a *latência* mesma o seu caractere definidor, mas sim a *prorrogação*, a *dilação* das funções reprodutivas.

da reprodução, insólita singularidade da espécie humana: o *telos* biológico que dá sentido à existência orgânica do organismo humano é apenas *cronologicamente* diferido, mas não *ontologicamente* eliminado. A pulsão sexual se manifesta *precocemente* na criança, tornando-se inutilizável e, portanto, requerendo desvio para que seja útil e não recaia nem na doença positivamente perversa, tampouco na doença negativamente perversa (a perversão e a neurose, respectivamente).

Os germes para a perversão e a neurose, Freud os diagnostica na infância, na disposição sexual infantil. Eles são *inatos*. Mas eles surgem mediante o apoio-desvio das funções conservadoras, como já vimos. Após essa autonomização da pulsão sexual na criança, que implica também uma sua *per-versão*, a energia sexual torna-se essencialmente *inutilizável*. A natureza, aqui, cria algo que lhe é inútil – donde a condição das conquistas culturais. A um só tempo *natural* e *inútil à natureza*, tal o estatuto da sexualidade infantil.

Com efeito, tudo indica ser a própria sexualidade infantil o resultado de um desvio perante a norma imposta pela natureza. E com isso chegamos à nossa quinta, última e mais importante figura desviante: a criança. Nós já descrevemos as características fundamentais da sexualidade infantil (autoerotismo ou ausência de objeto, apoio numa função orgânica e incidência numa zona erógena). Mas essa descrição, como de costume, é sumária e ignora muitos dos detalhes das análises freudianas. Como veremos, a sexualidade infantil em suas manifestações é amiúde caracterizada por Freud em sua *diferença* perante a sexualidade adulta. Quando comparada com esta, aquela é sempre *menos* e está sempre a uma distância de sua organização *definitiva*. Vejamos em que trechos isso é mais aparente.

Começemos pela masturbação infantil, exteriorização importante da pulsão sexual na infância e que poderá ter muita influência na sintomatologia neurótica posterior. Freud discorre sobre ela longamente, indo do ânus à glândula e ao clitóris. E constata-se então que mesmo no período de latência algumas crianças prosseguem suas peripécias onanistas. “A sintomatologia dessas exteriorizações sexuais é pobre”, pois se dispõe de um “aparelho sexual ainda não desenvolvido [*noch unentwickelt*]”, e geralmente é o aparelho urinário que é usado em seu lugar e que “lhe dá indícios, como seu tutor, por assim dizer” (Freud, 1905/1999, p. 90). A situação da criança é quase digna de pena: ei-la acossada por pulsões sexuais, mais ainda sem um aparelho genital suficientemente desenvolvido; por isso a masturbação é executada em qualquer outra mucosa suscetível de excitação e

prazer. A criança tem de se haver com urgências pulsionais para as quais não há a possibilidade de um escoamento eficaz. Há, pois, todo um *descompasso* constituinte da masturbação da infância, graças mesmo à ativação *precoce* das pulsões sexuais nela.

Esse descompasso entre aquilo a que a criança anseia e aquilo que ela é apta a efetuar é ainda mais patente no caso das investigações sexuais da infância. A universalidade do pênis, o nascimento via intestino, a concepção sádica do coito etc.: todos são exemplos de que a criança *desconhece* a função genésica dos genitais. As teorias sexuais infantis são manifestamente teorias fracassadas ou, mais que isso, destinadas ao fracasso:

Porém, já que à investigação sexual infantil dois elementos permanecem desconhecidos, o papel do sêmen fecundante e a existência da abertura sexual feminina – os mesmos pontos, ademais, nos quais a organização infantil ainda é subdesenvolvida [*rückständig*] –, o esforço do investigador infantil permanece via de regra infrutuoso [*unfruchtbar*] (Freud, 1905/1999, p. 97).

A organização infantil é *pouco desenvolvida*, ela literalmente *está* ou *fica para trás* (*rückständig*), coisa que testemunha uma evidente assimetria entre aquilo de que dispõe a criança para pesquisar e a *realidade* daquilo que ela pesquisa. Resultado: seus esforços são *infrutíferos*. Vemos reaparecer aquela diferença entre a função sexual e as funções psíquicas na criança, que víamos ser atestada na teoria da sedução. Lá, como aqui, a criança é um desconhecedor; aqui, como lá, a função sexual em sua plenitude sofre uma *prorrogação*, ela se encontra *atrasada*; a grande diferença é que agora a criança, ser já sexuado, dispõe de uma sexualidade *subdesenvolvida*, menos do que ela *deveria* possuir para ter sucesso em sua empreitada investigativa.⁹

⁹A esse respeito, as palavras de Freud em seu texto sobre Leonardo da Vinci, de 1910, vão na mesma direção. Após discorrer sobre as investigações sexuais infantis de forma muito similar ao que se encontra exposto nos *Três ensaios*, Freud completa: “mas como sua própria constituição sexual ainda não está à altura da tarefa da procriação de crianças [*der Aufgabe der Kinderzeugung noch nicht gewachsen ist*], sua investigação sobre de onde vêm as crianças tem, então, de não resultar em nada [*im Sande verlaufen*] e de ser abandonada enquanto não consumável [*unvollendbar*]” (Freud, 1910/1999, p. 146). É por conta, portanto, da sua incapacidade corpórea que as crianças têm de abandonar suas investigações sexuais: sendo elas *estéreis* e *inférteis* enquanto seres biológicos, também suas pesquisas resultarão inevitavelmente *infrutíferas*. Elas esvanecem, desfazem-se em areia (*im Sande verlaufen*): poderiam devir algo sólido, mas no fundo não passam de algo insuficiente. Enquanto não estiver *crescida* (*gewachsen*) o suficiente para a tarefa biológica primária (a geração de novas crianças), essa pesquisa permanecerá impassível de consumação (*unvollendbar*). Páginas adiante, no mesmo ensaio, Freud retorna de modo semelhante ao tema das investigações sexuais infantis; a essa altura então se diz que a infância “não é um idílio feliz” e que, em verdade, as crianças são fustigadas com um desejo impossível: o de ser adultas. Mas, mais que isso: uma aura de mistério ronda a figura do adulto, pois as crianças percebem que ele “num âmbito enigmático e decerto tão importante pode fazer algo grandioso [*etwas Großartiges kann*] que lhes é recusado saber e fazer” (Freud, 1910/1999, p. 198). Ora, esse *algo grandioso*, permitido aos adultos, não é nada além da coisa sexual *enquanto tal*, cujo saber e cujo fazer são recusados à criança – não somente pela moral, poder-

Assim como no caso da masturbação infantil, há um inevitável *malogro* envolvido na pesquisa infantil, graças mesmo a esse *descompasso* entre a pulsão e o desenvolvimento corpóreo – ou seja, este malogro é *condicionado* pela *função reprodutiva*, que desponta como um horizonte inevitável dentro do qual são analisadas as atividades sexuais infantis. Essa dimensão teleológica da sexualidade é, justamente por ser temporariamente inatingível, aquilo que condiciona os conflitos que compõem a sexualidade infantil.

A masturbação e a teorização infantis são importantes, mas ainda assim fatores de alguma forma secundários. Contudo também todo o desenvolvimento da sexualidade infantil, com suas fases específicas, será descrito tendo como ponto de referência o seu estágio terminal. É então que fica ainda mais manifesto não só o subdesenvolvimento da criança, como também sua importância para a vida sexual do indivíduo de um modo geral. Não só o nome dado aos estágios infantis do desenvolvimento psicosssexual é já indício da referência à função reprodutora, mas também sua definição sumária. As “organizações da vida sexual às quais as zonas genitais, em seu papel predominante, ainda não aderiram, nós as chamaremos de *pré-genitais*” (Freud, 1905/1999, p. 98). O *pré* já mostra o que está em jogo, mas, mais que isso, é a própria descrição o que esclarece tudo. Na infância a sexualidade é *pré-genital*, é anterior à genitalidade, que por algum motivo ainda não pôde chegar e exercer seu *papel predominante*.

A descrição das fases é feita sempre em referência ao que *ainda não chegou* (qual seja, a execução da função sexual em sua plenitude). Se na fase anal o pequeno humano já se depara com um objeto alheio ao próprio corpo (as fezes, notoriamente), ainda lhe são ausentes dois elementos: “faltam ainda a organização e a subordinação sob a função da reprodução” (Freud, 1905/1999, p. 99). E se na fase fálica, que Freud chega a descrever como o período genuinamente genital do desenvolvimento infantil, já há uma escolha de objeto (o complexo de Édipo) e o pênis é magnamente investido de libido, trata-se de uma mera *aproximação*: “a maior aproximação da forma definitiva da vida sexual após a puberdade que é possível nos anos da infância” (Freud, 1905/1999, p. 100). O que falta, então, a essa escolha de objeto feita na infância, configuradora do complexo de Édipo infantil?

se-ia dizer, mas também e sobretudo pela sua própria constituição corporal. Façamos notar uma vez mais que, tanto aqui como nos *Três ensaios* é no aspecto corpóreo, isto é, na insuficiência da maturação genésica infantil, que recai o acento da letra freudiana.

A diferença [...] reside somente em que a síntese [*Zusammenfassung*] das pulsões parciais e a sua subordinação ao primado [*Primat*] das genitálias não são estabelecidas na infância, ou apenas muito imperfeitamente. A instauração desse primado a serviço da reprodução é, portanto, a última fase que a organização sexual atravessa (Freud, 1905/1999, p. 100).

Conclusão: tem de haver uma *síntese* das pulsões parciais com vistas a uma *subordinação* ao primado das genitálias. O termo *primado* (*Primat*) deve ser tomado ao pé da letra: ele indica algo que existe *primeiro*, que é logicamente anterior ao restante, muito embora só venha a ser consumado cronologicamente depois. A função da reprodução, aí vinculada explicitamente ao primado dos genitais, conquanto só possa ser cumprida pelo organismo humano após um longo processo de desenvolvimento, é, portanto, *prévia*, *primeira* do ponto de vista lógico. Nesse sentido, o Édipo infantil é apenas mais uma figura de malogro: a criança investe sua libido num objeto, mas não pode executar a plena função sexual com ele. Interessantemente, ela já quer cumprir a função reprodutiva e fantasia gerar filhos dos pais; mas seu corpo não lhe permite nada do tipo. Por ser impossibilitada de copular, a criança é obrigada a amar. Esse amor será fonte de variados problemas no futuro.

Isso porque a escolha de objeto é feita em dois tempos. A primeira, como vimos, é feita na infância, configurando o complexo de Édipo infantil. “A segunda ocorre com a puberdade e determina a forma definitiva [*die definitive Gestalt*] da vida sexual” (Freud, 1905/1999, p. 100). Como Freud descreve, então, os *resultados* da escolha de objeto infantil? Com referência à prorrogação da função reprodutora: “por consequência do desenvolvimento da repressão, que se situa entre ambas as fases, eles [os resultados] revelam-se, porém, como inutilizáveis [*unverwendbar*]” (Freud, 1905/1999, p. 100). A palavra usada por Freud é a mesma que ele empregara, a respeito das moções pulsionais infantis, em sua descrição da sublimação: *unverwendbar*. Tanto o montante energético que acossa a criança é *inutilizável* quanto os resultados de sua primeira escolha objetual, o seu primeiro investimento para fora de seu próprio corpo dessa energia que a atormenta. É somente na puberdade, quando as alterações fisiológicas permitirem ao organismo cumprir seu papel biológico, que se poderá reinvestir com sucesso a libido num objeto alheio.

O desfecho do desenvolvimento, constrói-o a assim chamada vida sexual normal [*das sogenannte normale Sexualleben*] do adulto, na qual a aquisição de prazer é posta a serviço da função de reprodução, e as pulsões parciais, sob o primado de

uma única zona erógena, construíram uma organização sólida, para o alcance da meta sexual em um objeto sexual alheio (Freud, 1905/1999, p. 98).

A definição de Freud é translúcida: a escolha de objeto na idade adulta é feita para que se execute a *função sexual normal* (*die normale Sexualfunktion*). Essa função tem uma meta muito explícita: lograr a reprodução da espécie.¹⁰ O imbróglio todo reside, porém, em que há mais uma assimetria marcante entre infância e idade adulta. Na infância, as “metas sexuais sofreram uma suavização e apresentam agora aquilo que nós podemos chamar de corrente *carinhosa* [*zärtliche Strömung*] da vida sexual”. “A escolha de objeto do período da puberdade”, por sua vez, “deve renunciar aos objetos infantis e começar de novo, como corrente *sensual* [*sinnliche Strömung*]”. O problema reside em fazer que as duas correntes se encontrem: “a não coincidência de ambas as correntes tem bastante amiúde a consequência de que não se possa alcançar um dos ideais da vida sexual, a união de todas as vontades num único objeto” (Freud, 1905/1999, p. 101)

Na abertura do terceiro ensaio (eis-nos de volta a ele), Freud retoma esses mesmos termos, lançando mão de um belo símile para figurar o possível cumprimento da normalidade sexual:

A normalidade da vida sexual é assegurada apenas por meio da exata coincidência [*Zusammentreffen*] das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual, a carinhosa [*zärtlichen*] e a sensual [*sinnlichen*], das quais a primeira mantém em si o que sobrou do prematuro florescimento infantil [*infantilen Frühblüte*] da sexualidade. É como a perfuração de um túnel de ambos os lados (Freud, 1905/1999, p. 108).

Fica evidente que nesse (possível) encontro das duas correntes há a enorme possibilidade de *malogro*, de *assimetria* ou mesmo de *desencontro*.¹¹ O próprio Freud o atestara páginas antes, como fizemos notar, e volta a afirmar a possibilidade de adoecimento logo a seguir. Nós já vimos: se na infância não há repressão de alguma das moções sexuais essencialmente perversas, o indivíduo se torna um perverso; se há

¹⁰Compare-se, nesse passo, a expressão utilizada por Freud em seu trabalho sobre da Vinci. Freud afirma, a respeito de seus contemporâneos (especialmente os *portadores da cultura da humanidade*): “somente a contragosto a maioria dos homens de hoje se submetem ao mandamento da reprodução [*den Geboten der Fortpflanzung*] e, ao fazê-lo, sentem-se ofendidos e rebaixados em sua dignidade humana” (Freud, 1910/1999, p. 166). Esse mandamento, é fácil discernir, não é mosaico nem moral, mas sim biológico e natural.

¹¹É sobre essa ampla possibilidade de malogro que versam alguns dos artigos sobre a puberdade em Freud. Também se dá bastante atenção à questão das fantasias incestuosas que emergem na puberdade e que devem ser resignadas e ultrapassadas pelo jovem púbere (fator de que não falaremos neste trabalho e que representa mais uma sede de possíveis desvios com relação à norma teleológica). Sobre isso, cf. os trabalhos de Vieira e Vorcaro (2014), Houssier (2004) e Viola e Vorcaro (2015), cujos desenvolvimentos retiramos inspiração para nosso artigo.

demasiada repressão, neurótico. Em suma, é possível concretizar a função sexual, mas a *normalidade* aparece aqui, por fim, como um ideal confessadamente inatingível. Os dois lados do túnel parecem nunca poder encontrar-se plenamente, e a sua escavação, em busca da concretização desse ideal, é não só incessante como repetitiva. É justamente porque há uma *norma* que a *normalidade* é inalcançável. É aqui que a dimensão teleológica da sexualidade humana se apresenta com todo o seu valor.

Muita (e devida) atenção foi dada ao *reencontro* do objeto “o encontro do objeto é na verdade um reencontro” (Freud, 1905/1999, p. 123), mas foi pouco sublinhado que esse reencontro é essencialmente ditado pela função reprodutora, pelo amadurecimento genésico e pela sua corrente libidinal correspondente, a *sensual*. Essa pressão lúbrica que emerge no indivíduo, *um estado anímico de tensão* rumo à consecução da cópula genital, se lhe torna manifesta também por meio de certos sinais anatômicos. “Entre os múltiplos [sinais] corporais jaz em primeiro lugar uma série de alterações nas genitálias, que têm um sentido indubitável [*einen unzweifelhaften Sinn*], a presteza, a preparação para o ato sexual (a ereção do membro masculino, a umidificação da vagina)” (Freud, 1905/1999, p. 110). É aqui que a ereção masculina servirá de exemplo privilegiado: “através dos processos da puberdade é estabelecido o primado das zonas genitais, e o ímpeto [*Vordrängen*] do membro, tornado ereto, no homem aponta [*hinweist*] imperiosamente para a nova meta sexual: penetrar em uma cavidade corporal que excite a zona genital” (Freud, 1905/1999, p. 123).

Assim como Freud dirá mais para frente, trata-se de “manter a pulsão sexual em certas trajetórias [*Bahnen*]” (1905/1999, p. 134). Tudo é questão de *direção*, de *meta*, de *destino*. O falo ereto se erige então enquanto *sinai*, enquanto *indicação* da nova (e primária) meta sexual a ser cumprida. O pênis em riste funciona quase como uma seta, mostrando ao organismo a direção que o seu destino lhe traçou antes mesmo de ele ser concebido.¹² Ou seja, o *sensual* (*sinnlich*) é o que fornece o *sentido* (*Sinn*) ao organismo. Aqui, sentido deve ser entendido em seus dois sentidos: direção e significado. O sentido

¹²A respeito do pênis e da sua importância, haja vista ao que Freud diz em seu texto de 1925 sobre as consequências psíquicas advindas da diferença sexual. No seguinte trecho, não apenas a importância psicológica do membro masculino é subordinada à sua *importância orgânica*, como a dissolução da situação edipiana infantil, processo psicológico por excelência, é caracterizada como uma vitória da geração (da espécie) sobre o indivíduo, isto é, do universal sobre o particular: “como o pênis [...] deve seu investimento narcísico extraordinariamente alto à sua importância orgânica [*seiner organischen Bedeutung*] para a continuação da espécie, pode-se compreender a catástrofe do complexo de Édipo – a rejeição do incesto, a instituição da consciência e da moral – como uma vitória da geração sobre o indivíduo” (Freud, 1925/1999, p. 29).

biológico do organismo vivo reside no cumprimento de sua função primeira (a preservação e reprodução da espécie); o sentido (direção) da sua trajetória lhe é indicado pelas alterações corporais que despontam na puberdade, isto é, é apontado por aquilo que lhe é *sensual, lúbrico, lascivo*. Do ponto de vista biológico e da consecução da meta sexual primeira, a tarefa seria simplíssima: basta que macho e fêmea copulem, basta que duas células germinais se encontrem. É o afeto que vem complicar tudo.

A tarefa imposta ao jovem púbere (de reunir as duas correntes) se torna tanto mais espinhosa pela existência de um conflito escancarado entre elas. De um lado se tem a ternura (*Zärtlichkeit*), sobrevivente da prematuridade sexual infantil, cujas manifestações temporãs se reprimem (*Verdrängen*); de outro a sensualidade (*Sinnlichkeit*), que se manifesta no ímpeto (*Vordrängen*). O conflito é entre uma pressão para frente (*Vordrängen*) e uma pressão contrária, obstativa (*Verdrängen*). Nessa confrontação entre o útil à natureza e o inutilizável a ela reside a sede de alguns dos conflitos do jovem púbere. A sexualidade adulta se definiria, então, como uma árdua tarefa: um animal que, por algum motivo, é obrigado a sofrer as urgências sexuais *cedo demais*, bem antes de poder concretizar sua função biológica primária, tem de assumi-la *tarde demais*, após ver sua maturidade genésica ser interrompida e prorrogada.

6. Considerações finais

Findos os três ensaios, Freud cuida de resumir sua nova e ampliada concepção de sexualidade num desfecho. Esse texto final, verdadeiro resumo do essencial até então apresentado, recebe o título de *Síntese (Zusammenfassung)*. É no mínimo curiosa a coincidência entre o nome do texto final do livro e o nome da operação com a qual a sexualidade adulta se consuma: “a pulsão sexual do adulto surge através da síntese [*Zusammenfassung*] de múltiplas moções da vida infantil em uma unidade, em um esforço com uma única meta [*mit einem einzigen Ziel*]” (Freud, 1905/1999, p. 133). Tal como o jovem púbere tem de sintetizar numa unidade as moções sexuais infantis, desconectadas e dispersas, também Freud cura de sintetizar suas hipóteses mais essenciais numa unidade textual derradeira. Trata-se, portanto, de uma questão de *unidade*.

Como bem observou Reiche, “no terceiro ensaio, as *Transformações da puberdade*, ele [Freud] pode então dar um primeiro panorama sobre a totalidade [*das Ganze*] da sexualidade humana” (Reiche, 1991, p. 11). Sem considerar a puberdade,

Freud não poderia ter abarcado a função sexual, no organismo humano, em sua inteireza. Assim como é na puberdade que a libido assoma com sua intensidade *total*, é com o conceito de puberdade que se pode apreender a teoria freudiana da sexualidade em sua *totalidade*. Desconsiderá-la é desconsiderar uma parte importante da teoria, é fruto de uma escolha exegética que acarreta a retirada, da teoria mesma, de certos elementos que lhe são constituintes.

Como cremos ter podido demonstrar, Freud aborda o período da puberdade, em primeiro lugar, com vistas à tarefa biológica que dá sentido às transformações fisiológicas e psíquicas que nela ocorrem. Quando considerada em sua totalidade, a sexualidade humana não exclui de forma alguma a ordem vital, tampouco a noção de norma biológica. Muito pelo contrário: é a partir de condições biológicas específicas que Freud afirma ter-se originado a sexualidade humana enquanto tal. Essa norma biológica, por fim, é conceituada como uma meta virtual, um *telos* inatingível para a criança. A *lógica da reprodução* não está de forma alguma ausente da teoria freudiana da sexualidade; nós vimos, ao contrário, que é ela o que fornece sentido à própria noção de *perversão* enquanto disposição inata da sexualidade humana em seu momento inaugural, qual seja, a infância. Essa disposição perversa, florescimento prematuro da função sexual no organismo humano, é fruto do *cedo demais*¹³ que marca a criança, impossibilitada de cumprir sua tarefa biológica primária, e é porque o amadurecimento é prorrogado e vem *tarde demais* que a sexualidade será fonte de tantos problemas e proezas no animal humano adulto. Tudo o que se desenvolveu e se construiu durante a infância determinará, *après-coup*, a configuração da sexualidade adulta¹⁴ – não porque a sexualidade humana seja isenta de teleologia, mas, precisamente, porque a maturidade orgânica preme à consecução desse *telos* antes somente virtual.

É bem verdade: a pulsão sexual no homem *não se equivale ao instinto* (definido enquanto padrão fixo de comportamento). Essa não-equivalência, todavia, não constitui

¹³Esse *cedo demais* é característica não só da instauração inaugural da sexualidade no bebê humano, mas também do *seu próprio nascimento*, fator temporal que impõe ao recém-nascido a sua *Hilflosigkeit* primária, o seu desamparo desmesuradamente alongado no tempo – fator este que não pudemos abordar aqui com a minudência apropriada, mas que, cremos, é relacionado à própria perversão da função sexual no pequeno animal prematuro que é o bebê humano.

¹⁴Foi o mesmo Laplanche quem, parece-nos, mais chamou atenção ao descompasso entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta e ao efeito de *après-coup* que ainda marca presença na teoria freudiana, mesmo após o *abandono* da teoria da sedução. Em seu ensaio fundamental sobre a fantasia, escrito com Pontalis (1964), surgem mesmo as expressões: *le trop tôt (de la naissance) et le trop tard (de la puberté)* (p. 39).

um total divórcio entre uma coisa e outra. Todo o problema envolvido na sexualidade humana reside nessa *defasagem*, nessa *distância* inescapável entre a sexualidade, função vital por excelência (porém pervertida no homem), e o dispositivo instintual, que, como vimos, enforma a conduta do organismo num quadro rígido e predeterminado. A puberdade, momento em que a função sexual *enquanto tal* se manifesta com toda a força no organismo humano, torna-se o período em que afloram as consequências dessa perversão constituinte da função sexual no homem. É como se a sexualidade se esforçasse então por atingir o estatuto de instinto, mas fosse impedida graças à sua própria natureza. É só aí que o indivíduo é dilacerado por aspirações de naturezas bem distintas: a consecução da meta sexual primária e o ganho de prazer. A contradição entre essas aspirações não é assim tão autoevidente e só pode ser explicada por aquela especificidade *biológica* da espécie humana. Na *Zusammenfassung* final dos seus *Três ensaios*, Freud faz questão de retomá-la:

O fato da *acometida em dois tempos* do desenvolvimento sexual no homem, quer dizer, a interrupção desse desenvolvimento através do período de latência, mostrou-se-nos digno de especial atenção. Ele parece conter uma das condições para a aptidão do homem ao desenvolvimento de uma cultura superior, mas também para sua predisposição à neurose. Nada de análogo, no parentesco animal do homem, é comprovável pelo nosso conhecimento (Freud, 1905/1999, p. 135).

É assim que a puberdade se torna um caso privilegiado para uma reconsideração da dimensão biológica contida nas argumentações freudianas. Sabe-se bem com que frequência Freud afirmou o pertencimento da psicanálise ao leque das ciências biológicas. A partir da nossa releitura dos *Três ensaios*, pode-se notar quão coerente e compreensível é essa sua repetida afirmação. Do início ao fim do livro Freud mostra bem a natureza específica da pesquisa psicanalítica. Seu último parágrafo revela possuir uma ligação umbilical com o primeiro. Assim termina o livro:

A conclusão insatisfatória que emerge dessas investigações sobre as perturbações da vida sexual se deve a que nós não sabemos ainda o suficiente dos processos biológicos em que consiste a essência da sexualidade [*das Wesen der Sexualität*] para formar, das nossas inspeções isoladas, uma teoria suficiente para a compreensão tanto do normal quanto do patológico (Freud, 1905/1999, p. 145).

O primeiro ensaio se abre muito precisamente com a constatação de *necessidades sexuais* tanto no homem quanto no animal, que na biologia são compreendidas a partir dos conceitos de *pulsão sexual* e de *libido* (Freud, 1905/1999, p. 34), a energia que lhe é correspondente. Nesse sentido, a psicanálise seria o estudo da modalidade de atuação da

função sexual (cuja essência é manifestamente afirmada como *biológica*)¹⁵ num animal específico: o homem. Donde seu caráter eminentemente *fronteiriço*. No terceiro prefácio ao livro, datado de 1914, Freud deixa explícita a *deliberada independência* com respeito a dados e hipóteses biológicas como uma característica essencial dos *Três ensaios*. É somente *por meio da técnica da psicanálise* que se orienta seu trabalho, na busca pelo entendimento da *função sexual do homem*. “Minha meta [*mein Ziel*] foi, contudo, explorar tanto quanto há a se descobrir sobre a biologia da vida sexual humana [*zur Biologie des menschlichen Sexuallebens*] com os meios da investigação psicológica” (Freud, 1905/1999, p. 30). Aí reside a especificidade da disciplina psicanalítica: ela procura conhecer a *biologia* (da sexualidade) humana através de um método que *não é biológico*, mas sim *psicológico*. Esse caráter fronteiriço da pesquisa analítica¹⁶ parece refletir, por sua vez, o caráter fronteiriço do seu próprio objeto de estudo: no homem a sexualidade não está totalmente descolada da vida, mas em virtude de uma sua especificidade *biológica*, ela tem de *perverter-se* para existir. Se a psicanálise estuda o desejo, a lógica do inconsciente e dos sonhos, as fantasias inconscientes e o campo anímico e cultural em que a pulsão sexual tem de ser tramitada, isso só ocorre graças à singularidade biológica do homem: é porque a pulsão sexual no homem é *pervertida* que pode haver psicanálise, análise do psiquismo. A função vital mais fundamental à própria vida, cujo sentido reside na manutenção da vida mesma,¹⁷ sofre no homem um desvio indelével, que marca seu destino e faz do homem uma espécie desviante em si mesma. É aí que nasce a *biologia* freudiana: do desvio que a sexualidade tem de sofrer em seu momento inaugural no homem. A psicanálise se baseia nesse conflito sempiterno entre cultura e animalidade, entre alma e corpo, e é dessa região fronteiriça e conflituosa entre o que no homem é *o mais natural* e o que nele é *o mais contrário à natureza* que a psicanálise enquanto ciência específica pode nascer.

¹⁵Mais de vinte anos depois, em seu texto sobre Dostoievski, Freud reafirma que a essência da sexualidade consiste em processos biológicos: “os processos sexuais, que no fundo [*im Grunde*] são toxicamente originados [*toxisch verursacht sind*]” (Freud, 1927/1999, p. 403).

¹⁶Caráter este que Freud não cansou de repetir em diversos de seus textos. Veja-se, por exemplo, o seguinte excerto do texto sobre Leonardo da Vinci, em que a fronteira entre uma disciplina e outra é afirmada com todas as letras: “as pulsões e suas transformações [*Umwandlungen*] são a última coisa que a psicanálise pode discernir. Daí em diante ela deixa o lugar para a pesquisa biológica” (Freud, 1910/1999, p. 209).

¹⁷Já em 1930, ao falar do papel da sexualidade em seu primeiro dualismo pulsional, Freud afirma acerca do amor que “sua principal função [*Hauptfunktion*], favorecida de todas as maneiras pela natureza, é a conservação da espécie [*die Erhaltung der Art*]” (Freud, 1930/1999, p. 476).

Como atesta Ricœur (1965), diante da espantosa hibridez do discurso freudiano, que alterna entre interpretações e explicações causais econômicas, é mais cômodo decidir-se, nessa encruzilhada epistemológica aparentemente contraditória, em *uma alternativa* entre energética e hermenêutica. Mas as riquezas (e os limites) da psicanálise jazem justamente no oposto dessa escolha: “ora, deve-se admitir que o freudismo não existe senão pela recusa dessa alternativa” (p. 78). Não numa escolha unilateral essas duas direções (a cultura *vs* a natureza; o sentido *vs* a força), mas no estudo das tensões entre elas é que se situa o caminho aberto e franqueado por Freud.

Submetido em 16/03/2021

Aprovado em 21/06/2022

Referências

Ariès, P. (1973). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
Ernout, A. & Meillet, A. (1932). *Dictionnaire etymologique de la langue latine*. Paris : Klincksieck, 2001.

Freud, S. (1896a). L'hérédité et l'étiologie des névroses. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 1, pp. 405-422). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1896b). Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 1, pp. 379-402). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1905). Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 5, pp. 27-145). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1910). Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 8, pp. 128-211). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1911). Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychisches Geschehens. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 8, pp. 229-38). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1914). Zur Einführung des Narzissmus. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 10, pp. 137-170). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1915). Das Unbewusste. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 10, pp. 263-303). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1920). Über die Psychogenese eines Falles von weiblicher Homosexualität. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 12, pp. 269-302). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1923 [1922]). Psychoanalyse und Libidotheorie. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 13, pp. 209-233). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1923). Das Ich und das Es. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 13, pp. 235-289). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1925). Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 14, pp. 17-30). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1928 [1927]). Dostojewski und die Vätertötung. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 14, pp. 397-418). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1930). Das Unbehagen in der Kultur. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 14, pp. 419-506). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Freud, S. (1938). Abriss der Psychoanalyse. In S. Freud, *Gesammelte Werke* (vol. 17, pp. 63-138). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Gagé, J. (1958). Classes d'âge, rites et vêtements de passage dans l'ancien Latium: à propos de la garde-robe du roi Servius Tullius et de la déesse Fortuna. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 24, 34-64.

García-Roza, L. A. (1994). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Houssier, F. (2004). La séduction fraternelle dans la théorie freudienne: de l'enfance à la fin d'adolescence. *Dialogue*, 164, 47-57.

Houssier, F. (2018). Freud, Ferenczi et la troisième puberté. *Adolescence*, 36(2), 389-400.

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1964). *Fantasme originaire, Fantasme des origines, Origines du fantasme*. Paris: Editions Hachette, 1985.

Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Pastor, M. & Pié, A. (2005). De l'allure de l'adolescence. *Revista Catalana de Pedagogia*, 4, 127-148.

Reiche, R. (1991). Einleitung. In S. Freud, *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (pp. 7-28). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2009.

Ricœur, P. (1965). *De l'interprétation*. Paris: Editions du Seuil, 2006

Schimeck, J. G. (2003). Réalité et fantasme dans la théorie de la séduction : une reconsidération historique. In A.Green (org.), *Sur la théorie de la séduction* (pp. 105-134). Paris: Presses Universitaires de France.

Vieira, A. A. & Vorcaro, A. M. R. (2014). Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses. *Psicologia USP*, 25 (2), 144-154.

Viola, D. T. D. & Vorcaro, A. M. R. (2015). O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. *Psicologia USP*, 26 (10), 62-70.